

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Juliana Fagundes Jacó

---

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA E  
ADOLESCÊNCIA: *“Professor, não  
vou participar da aula!”***

---

---

Campinas  
2008

**Juliana Fagundes Jacó**

---

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA E  
ADOLESCÊNCIA: *“Professor, não  
vou participar da aula!”***

---

---

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade  
Estadual de Campinas para obtenção do  
título de /Licenciado em Educação Física.

**Orientador: Elaine Prodócimo**

Campinas  
2008

**Juliana Fagundes Jacó**

**EDUCAÇÃO FÍSICA E ADOLESCÊNCIA:  
*“Professor, não vou participar da aula!”***

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Juliana Fagundes Jacó e aprovado pela Comissão julgadora em: 17/11/2008.

Elaine Prodócimo  
Orientador

Ana Carolina Capellini Rigoni  
Banca examinadora

Campinas  
2008

# **Dedicatória**

*Dedico este trabalho a todos aqueles que assumiram um compromisso com a Educação, vendo nela uma das possibilidades para a transformação social.*

# **Agradecimentos**

*Agradeço a Deus que me sustentou em todos os caminhos desta jornada até aqui, pois me deu a família( meu pai Odair, minha mãe Eliana e meus irmãos- André e Léo) que me apoiou mesmo naquelas horas que não entendia nada das minhas escolhas, que me deu o companheiro ideal- Daniel-, pois me dá amor, é meu amigo, meu professor e até companheiro nas discussões infundáveis sobre a educação física. Também me deu as amigas: Tathy, Carol, Marcinha e Paty, que foram parte fundamental do meu crescimento nos 5 anos de curso e, inclusive, me deu até as caronas no “chiquetomóvel” que não só me traziam e levavam da faculdade, mas também fortaleciam laços de amizade. Por fim, me deu a possibilidade de estar nessa Universidade e aprender sobre tantas coisas com professores inesquecíveis, em especial com minha orientadora – inspiração para o que quero me tornar.*

JACÓ, Juliana Fagundes. **Educação Física e Adolescência**: “*Professor, não vou participar da aula!*”. 2008. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## **RESUMO**

---

---

Esta monografia foi desenvolvida a partir do problema por mim observado que é comum parte dos alunos que se encontram nas 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries deixem de participar das aulas de Educação Física. Estes alunos estão em um período de vida chamado de adolescência, o qual é caracterizado por transformações físicas, sociais e psicológicas. Tais transformações repercutem em todas as esferas da vida desses sujeitos, inclusive na escola. Estes adolescentes, muitas vezes, se recusam a participar das atividades propostas na aula de Educação Física e acabam deixando de ter acesso aos conteúdos dessa disciplina que pertence ao currículo escolar e contribui na formação total destes alunos. Por isso, esta pesquisa teve como objetivo verificar quais são os motivos que afastam alguns adolescentes das aulas de educação física e, com estas respostas, poder fornecer aos professores ferramentas que os auxiliem a enfrentar esta problemática em seu cotidiano escolar. Nesta pesquisa utilizou-se o método qualitativo e quantitativo para encontrar os resultados; observou-se e analisou-se aulas de doze 7<sup>as</sup> séries e doze 8<sup>as</sup> séries de 4 escolas públicas de Campinas, totalizando 24 turmas observadas de 6 professores diferentes. Foram entrevistados 82 alunos dentre todos os que não participavam das atividades de aula. Com isto, pode-se verificar que os motivos mais citados pelos alunos para a não participação estavam relacionados à motivos pessoais e a estrutura metodológica da aula.

Palavras-Chaves: Educação Física, Adolescência, Participação

JACÓ, Juliana Fagundes. **adolescence and physical education**: Teacher, I don't go to do the class!" 2008. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

## **ABSTRACT**

---

---

This monograph was developed from the observed problem that is common that it has left of the students of 7<sup>a</sup> and 8<sup>a</sup> series leave to participate of the lessons of physical education. These students are in a period of life that is called adolescence, period that is characterized by transformation in their physical, social life and psychological. Such transformations reverberate in all the spheres of the life of these citizens, also in the school. These adolescents many times if refuse to participate of the activities proposals in the lesson of physical education and finish leaving to have access to the contents of this discipline that pertaining to school resume and have its especificidades to contributing in the total formation of this student. Therefore, this research has as objective to verify which they are the reasons that move away some adolescents from the lessons of physical education e, with these answers, power to supply to the professors and futures professors tools that assist them to face this problematic one in its daily pertaining to school. This research used the qualitative and quantitative method to find the results; it observed and it analyzed lessons of twelve 7<sup>a</sup> series and twelve 8<sup>a</sup> series of 4 public schools of Campinas, totalizing 24 observed groups of 6 different professors and had been interviewed 82 pupils of the total that did not participate of the activities of lesson. With this, it can be verified that the reasons more cited by the pupils for the participation were not related to the personal reasons and with the metodológica structure of the lesson

Keywords: Physical Education, Adolescence, Participacion

## **LISTA DE QUADROS**

---

---

<b>Quadro 1</b> - Idade e sexo dos alunos não participantes .....	28
<b>Quadro 2</b> - Série escolar dos sujeitos .....	29
<b>Quadro 3</b> - Justificativas dos alunos que consideram a aula BOA .....	30
<b>Quadro 4</b> - Justificativas dos alunos que consideram a aula RUIM .....	31
<b>Quadro 5</b> - Motivos para a não participação .....	35
<b>Quadro 6</b> - O que o aluno acha da própria atuação .....	38
<b>Quadro 7</b> - O que o aluno acha da atuação dos colegas .....	38
<b>Quadro 8</b> - Quais atividades são praticadas fora da escola .....	42

# SUMÁRIO

---

---

<b>Introdução</b> .....	10
<b>1 Revisão Bibliográfica</b> .....	12
<b>1.1 A Educação Física Escolar</b> .....	12
<b>1.2 A Adolescência</b> .....	16
<b>1.3 Vergonha</b> .....	19
<b>2 Pesquisa</b> .....	21
<b>2.1 Métodos</b> .....	21
<b>2.2 Resultados e Discussão</b> .....	24
<b>2.2.1 A Realidade Escolar Encontrada</b> .....	24
<b>2.2.2 Quem São os Alunos que Não Participam das Aulas</b> .....	27
<b>2.2.3 Motivos da Não Participação</b> .....	29
<b>3 Considerações Finais</b> .....	43
<b>4 Referências</b> .....	46
<b>Anexo</b> .....	49

# Introdução

A LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação ( 1996 ) orienta que a Educação Física, como disciplina dentro do universo escolar, é componente do currículo da educação básica, ou seja, deve ocorrer desde a educação infantil até o ensino médio. Sendo assim, a Educação Física começa a fazer parte da vida de um aluno quando este tem aproximadamente 06 anos e o acompanha até aproximadamente os 17 anos, ou seja, o aluno vivência experiências na Educação Física Escolar desde a infância até a adolescência.

Durante a minha vida escolar, pude observar que é muito comum o fato de parte dos alunos adolescentes não participarem das aulas de Educação Física, ou seja, muitos preferem ficar sentados nas arquibancadas (ou em qualquer outro espaço) durante as aulas a interagirem ativamente com as atividades propostas. Esta observação deu origem a uma inquietação que surgiu a partir do estranhamento que essas situações passaram a me provocar quando ingressei na Universidade e passei a me interessar pelo estudo da Educação Física Escolar.

Esta inquietação amadureceu após minha vivência prática como estagiária em aulas de Educação Física para adolescentes de 16 anos em uma entidade. Neste estágio, observei que a maior parte dos jovens que lá estavam, para fazer um curso paralelo à educação formal, chegava totalmente descomprometida com as aulas de Educação Física, desmotivada ou mesmo se recusando a participar das atividades. Esta situação transformou-se em questionamentos, pois a vivência me fez refletir sobre as aulas não mais como uma aluna, mas como professora, a qual planeja e propõe atividades. Então, a partir desta inquietação passei a procurar algumas respostas que pudessem contribuir não só com a minha prática docente, mas com a de outros professores que enfrentam diariamente essa problemática em seu cotidiano escolar e, ainda, com a de futuros professores que se encontram na graduação.

Alguns dos questionamentos que me afligiam eram: Há realmente o desinteresse dos alunos pelas aulas ou existem outros motivos que afastam os adolescentes das aulas de Educação Física? Quais motivos provocariam o desinteresse de alguns adolescentes pelas aulas de Educação Física? Responder os questionamentos acima se revela como importante,

pois um professor deve conhecer os motivos que afastam os seus alunos das aulas, tentando evitar que isso ocorra e proporcionando a oportunidade de aprendizado a todos. No entanto, por falta de respostas a estas perguntas, muitas vezes os alunos que não participam das aulas são “esquecidos” pelos professores, que acabam direcionando as atividades somente àqueles que demonstram mais interesse pela disciplina. Com isso, temos atualmente um número cada vez maior de adolescentes que não participam das aulas de Educação Física e que ao invés de participarem das atividades ficam escutando seus MP3, conversando ou mesmo realizando tarefas de outras disciplinas, o que provoca não só a falta de conhecimento dos alunos sobre os assuntos relacionados aos conteúdos específicos da Educação Física, como sua desvalorização por toda a comunidade escolar.

Durante a busca por respostas, começamos a nos questionar se muitos alunos não participavam das aulas de educação física porque têm vergonha, seja de seus corpos ou de sua atuação nos jogos ou, ainda, por outros motivos. No entanto, este assunto- vergonha- ainda é pouco estudado e muitas vezes confundido com timidez ou culpa.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo avaliar os motivos da não participação de alunos adolescentes nas aulas de educação física. A discussão foi feita a partir de dados coletados na pesquisa de campo em quatro escolas públicas da cidade de Campinas, com adolescentes de 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries que não participavam das atividades propostas nas aulas de Educação Física.

Com isto, acreditamos que este trabalho poderá ser utilizado como ferramenta para que os professores entendam o que acontece com seus alunos e, busquem estratégias para que todos seus alunos possam participar.

Para isso, este trabalho apresentará no primeiro capítulo uma revisão bibliográfica sobre três conteúdos norteadores dessa pesquisa: educação física, adolescência e vergonha. No segundo capítulo, apresentaremos os dados coletados e os resultados obtidos sobre qual é a realidade encontrada nas escolas, quem são os alunos que não participavam das aulas e quais os principais motivos citados por eles para não participarem da aula. No último capítulo apresentaremos as considerações finais.

# **1 Revisão Bibliográfica**

## **1.1 A Educação Física Escolar**

A Educação Física tem sua história atrelada a história do desenvolvimento de uma nova sociedade durante o século XIX quando a Europa passa pelo período pós Revoluções (Industrial e Francesa) que fazem emergir um novo Estado, o Estado Burguês (SOARES, 2004). Ainda de acordo com a autora, nesta nova sociedade a burguesia e a classe operária são oponentes. Para a burguesia se manter na hegemonia precisava criar novos ideais, novas formas de pensar o homem que *cuidará igualmente dos aspectos mentais, intelectuais, culturais e físicos* (SOARES, 2004, p. 05).

É dentro deste contexto que surge a Educação Física para “cuidar” da construção de um novo corpo que deve ser *um corpo anatomofiológico, meticulosamente estudado e cientificamente explicado* (SOARES, 1994, p. 06). Soares nos afirma que este corpo deveria ser adestrado, disciplinado, ter vigor e saúde para exercer sua função na produção do capital da classe burguesa.

Ainda de acordo com a autora, na segunda metade do século XIX, com as transformações no processo de produção e com os avanços científicos, é grande a necessidade de investir na instrução para manter o crescimento na acumulação de capital. E assim a burguesia pensou em uma

educação primária para as massas, uma educação superior para os técnicos, [reservando porém] para seus filhos outra forma de educação – o ensino médio- [no qual] as ciências ocupavam lugar discreto e o saber continuava livresco e bastante longe da vida real” (PONCE apud SOARES, 1994, p. 46).

A burguesia sabia da necessidade de não só proporcionar instrução, mas também cuidar da saúde física do trabalhador para que este continuasse em pleno desenvolvimento de suas funções. Foi então que o exercício físico ganhou espaço dentro da escola, porém aqui o exercício físico é denominado como ginástica, que carregava consigo um tom de laicidade, uma vez que tratava o corpo com estudos e métodos científicos, mais especificamente das ciências biológicas. Isto leva a um movimento de biologização e naturalização do Homem, pois este tipo de exercício *está carregado de intenções como:*

*regenerar a raça, fortalecer a vontade, desenvolver a moralidade e defender a pátria* (SOARES, 2004, p. 49).

Assim, os Métodos Ginásticos que surgiram em diferentes países europeus vinculam-se a medicina para tratar o corpo do homem, corrigir sua postura, dar-lhe vigor e saúde, sempre utilizando regras, metodologias e padrões valorizados pelos ideais do positivismo e que são utilizados para formar uma nova população, com um novo corpo.

No Brasil, a história da Educação Física está intimamente relacionada com as instituições militares que foram as que mais se basearam nos ideais do positivismo para o alcance do progresso e de uma nova ordem social que deveriam se estabelecer após o período de colônia portuguesa. Por isso, a educação física, desde o início do século XIX era considerada de grande importância para a formação de indivíduos fortes e saudáveis que deveriam representar a nova sociedade que se estabelecia (CASTELLANI FILHO, 1988).

Contudo, esse entendimento, que levou a associar a Educação Física à Educação do Físico, à Saúde Corporal, não se deve exclusivamente e nem tampouco prioritariamente, aos militares. A eles, nessa compreensão, juntavam-se os médicos que, mediante uma ação calcada nos princípios da medicina social de índole higiênica, imbuíram-se da tarefa de ditar a sociedade, através da instituição familiar, os fundamentos próprios ao processo de reorganização daquela célula social. (CASTELLANI, 1988, p. 39)

Ainda de acordo com o autor, os higienistas usaram a Educação Física com o objetivo de criar este novo corpo e, além disso, utilizaram-se do controle familiar, impondo à família ideais baseados nos preceitos sanitários da época para criar uma população branca e burguesa, saudável, robusta, harmoniosa organicamente, que se identificasse com os ideais nacionalistas e que fosse o oposto do indivíduo colonial, que era flácido, doentio e relapso, para com isso estabelecer um equilíbrio de forças entre a classe dominante (branca e burguesa) e a classe negra (escrava) que representava metade da população em 1822.

De acordo com Daolio (1995) os médicos higienistas eram os donos dos saberes relativos ao corpo, foram os responsáveis pelas produções literárias da época sobre a atividade física e dos cuidados com o corpo e pretendiam não só a mudança de hábito da população brasileira para que se adequassem aos ideais nacionalistas e perdessem as características do indivíduo colonial, mas *a eugenia da raça, uma melhoria do padrão orgânico do povo*. (DAOLIO, 1995, p.50).

Indo mais adiante no tempo, vemos que a Educação Física também teve suas especificidades apoiadas nos ideais ditatoriais de Getúlio Vargas, contribuindo no *fortalecimento*

*do homem brasileiro, a fim de atender às necessidades de segurança da pátria e carência da mão de obra* (DAOLIO, 1995, p.50) e, passados alguns anos, a Educação Física, já no período da Ditadura Militar no Brasil, tem suas aulas direcionadas pelo modelo esportivo, sendo utilizada como “caça-talentos”.

Atualmente, a Lei de Diretrizes e Bases de 20 de Dezembro de 1996, (Lei n.º 9394/96, art 26, parágrafo 3º) determina que *A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa para os cursos noturnos. É, portanto, responsabilidade da escola possibilitar que o aluno aprenda os conteúdos referentes a Educação Física que entendemos que tem como área de conhecimento a Cultura Corporal* (CASTELLANI FILHO, 1993). Sendo a Cultura Corporal:

o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esportes, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (SOARES et.al., 1992, p 38) .

Estes conteúdos partem da idéia de que: a cultura em que está inserido o homem também determina e desenvolve os movimentos realizados por ele, sendo assim, o seu corpo e seus movimentos são construídos culturalmente, o que nega a concepção de corpo veiculada pela Educação Física Higienista, dos médicos e militares do século XIX que pensavam apenas no corpo como algo somente biológico. Este novo conceito nos mostra que existe uma interação entre o biológico e o cultural sem haver um limite claro entre um e outro e sem haver apenas um destes componentes na constituição do corpo do homem. (DAOLIO, 1995).

Estes conhecimentos relativos ao corpo também são defendidos nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física ,1997, p.25) que: *aborda os conteúdos da Educação Física como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos. Portanto...entende a Educação Física como uma Cultura Corpora”* . É também nos PCNs que temos as orientações sobre quais devem ser os objetivos gerais do Ensino Fundamental. Em muitos destes objetivos podemos ver a atuação da Educação Física, como, por exemplo, quando se propõe que o aluno seja capaz de :

Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social. Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida; Utilizar as diferentes

formas de linguagens -verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal-como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias... (PCNs- 1997, p 07)

Podemos ver que para que os alunos cheguem ao final do Ensino Fundamental capazes de por em prática estes ensinamentos é necessária a contribuição - efetiva e de qualidade - da Educação Física.

Ainda de acordo com os PCNs, além dos objetivos gerais do Ensino Fundamental (alguns citados acima), temos como alguns dos objetivos específicos da Educação Física no Ensino Fundamental proporcionar aos alunos:

Participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e desempenho de si próprio e dos outros(...)  
 Conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal do Brasil e do Mundo(...)  
 Reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais(...)  
 Solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos(...) (PCNs, 1997, p 43)

Porém, atualmente, a Educação Física Escolar tem como conteúdo hegemônico o esporte que *é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal* (BETTI, 1992 p. 25). Portanto, ainda não vivemos completamente a Educação Física, proposta nos PCNs e na LDB. Educação Física que como disciplina:

passa a ter função pedagógica de integrar e introduzir os alunos de 1º e 2º grau (hoje chamada de Ensino Fundamental e Médio) no mundo da Cultura Física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física.(BETTI, 1995, p 285).

Sabe-se que o esporte faz parte da cultura corporal, porém não é o único componente. A Educação Física, quando restrita ao esporte, limita o seu conteúdo pedagógico, não amplia os conhecimentos dos alunos relativos à cultura do corpo e não possibilita que os alunos optem por outras práticas pois não às conhecem.

Outro problema questionado por muitos autores mostra que, na maioria das vezes, este esporte é trazido para a escola a partir do modelo olímpico o que não é ajustado às faixas etárias e a população escolar em questão, como propõe a LDB de 1996. Isso faz com que a Educação Física escolar acabe por ser, simplesmente, a base de uma pirâmide para o esporte de rendimento. Neste caso o professor passa para o papel de “professor-treinador” e o aluno torna-se “aluno-atleta” (BRACHT, 1992).

## 1.2 A Adolescência

Muitos dos alunos que não participam das aulas de Educação Física estão na fase denominada de Adolescência. Este termo, de acordo com o dicionário, vem da expressão em latim *adolescere* e quer dizer crescer. Esta é uma fase que não tem uma duração claramente demarcada, pois os fatores biológicos que provocam tantas mudanças no indivíduo se somam a determinantes sócios culturais que tornam difíceis demarcar um período. Mas, para a maioria dos jovens, tais transformações ocorrem entre as idades de 11 e 21 anos (CAMPOS, 1985) e é o período de vida que se caracteriza pelo final da infância e início de uma fase de transformações que levam o sujeito para a vida adulta.

Esta fase é caracterizada por influências biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Ou seja, a adolescência *possui características que a define não necessitando ser considerada apenas como um período de transição entre a infância e a idade adulta* (CARVALHO e PINTO, 2002). Podemos dizer também que *“A adolescência é efetivamente uma espécie de nova formação do indivíduo, uma verdadeira recriação”* (ROSSEAU apud NÉRICI 1967, p. 19)

A adolescência nem sempre foi demarcada e reconhecida como uma fase da vida do indivíduo, como vemos hoje em nossa sociedade, pois *somente no início do século XX, por volta de 1914, pós-guerra na Alemanha, o conceito de juventude se igualaria ao conceito adolescência* (MATTA, 1996, p. 72) pois, ainda de acordo com esta autora, em séculos passados a vida era cíclica e contínua, não havendo demarcações de etapas. Podemos considerar que a construção da adolescência tem, então, influência do momento histórico e social, sendo um fenômeno com características culturais, por isso não há uma adolescência universal.

Esta influência cultural pode ser compreendida pelo fato de que *muitos problemas da adolescência derivam da Cultura em que ela se desenvolve* (NÉRICI, 1967, p.150). Ainda de acordo com este autor, em sociedades que a preparação para os exercícios sociais da vida adulta não são longos, os problemas enfrentados na adolescência são mais discretos, diferentemente de sociedades que estendem este período de preparação - devido a características técnico socioculturais – nas quais os problemas enfrentados na adolescência são mais nítidos.

Becker (1986) complementa que existem sociedades em que a passagem da infância para a vida adulta ocorre gradativamente e, por isso, desaparecem as chamadas crises da adolescência. Em outras sociedades (como, por exemplo, algumas indígenas) há ritos de

passagem que facilitam a entrada na vida adulta, pois o processo de integração nesta nova fase da vida é demarcada. Por isso, Becker nos aponta que existem diferenças neste processo que ele chama de “adolescer” e estas diferenças estão intimamente ligadas aos fatores sociais, culturais, familiares e individuais que fazem com que a adolescência tenha características diferenciadas, tanto por momento históricos diferentes como por grupos sociais diferentes.

Apesar das características variarem bastante na adolescência, as transformações físicas ocorrem para todos. De acordo com Becker(1986), isto é o que chamamos de *Puberdade* e é quando as transformações corporais são evidentes. Ainda de acordo com o autor, a puberdade é um fenômeno que ocorre dentro da adolescência e é quando acontecem as maiores diferenciações sexuais, por isso tem um período bem mais preciso e estreito. As principais transformações da puberdade são:

O aumento da elaboração de hormônios sexuais e adrenocorticais conduz a um largo espectro de mudanças fisiológicas e anatômicas, que incluem: desenvolvimento de caracteres sexuais primários e secundários; modificações no tamanho e no peso, nas proporções do corpo e desenvolvimento muscular; alterações associadas da força, da coordenação. (COMITÊ SOBRE ADOLESCÊNCIA DO GRUPO PARA O ADIANTAMENTO DA PSIQUIATRIA EUA , 1990, p 23)

Portanto, vemos que, em nossa sociedade, a adolescência é uma etapa de grandes transformações. As transformações físicas interferem em todos os âmbitos da vida do adolescente, que passa inclusive por transformações cognitivas que, de acordo com Piaget (apud BECKER, 1986, p.53), passam a possibilitar o pensamento abstrato que permite ao adolescente *engendrar possibilidades, formular hipóteses e pensar a respeito de símbolos....especular,abstrair, analisar e criticar.*

Sobre a adolescência Deustsch (apud ALMEIDA, 2003, p.16)afirma:

A espantosa variedade de comportamento do adolescente depende em grande parte da sua vida de fantasia inconsciente; de ligações anteriores e do grau de progresso que tiveram durante o estágio infantil, no preparo para o último ato do processo de crescimento- isto é para o amadurecimento adolescente. Em outras palavras: a maturação como processo ocorre desde o começo da vida; a adolescência é apenas seu último ato - muito prolongado e muito complicado.

Esta complicação, sempre associada à passagem pela adolescência, deve-se muito à complicações sociais e psicológicas que ocorrem nesta fase de transição. Uma dessas “complicações” Gallahue e Ozmun (2003) chamam de “Socialização Cultural” que são as modificações no comportamento das pessoas para satisfazer um determinado grupo. Sendo Socialização, para Sage (apud GALLAHUE e OZMUN, 2003), um processo de aprendizagem de

habilidades, atitudes, valores e comportamentos que irão permitir ao indivíduo pertencer à um grupo. A socialização é um processo permanente e de interação entre sociedade e indivíduo.

Na adolescência, esta socialização torna-se uma complicação, pois este processo é realçado e pode-se considerar que o adolescente está modulando sua identidade para, posteriormente, pertencer à fase adulta. Sabe-se, também, que em todas as fases da vida de um indivíduo existe a formação constante da personalidade, porém, cada fase tem importância diferente nesta formação, sendo personalidade o elemento que nos torna únicos, distinguindo-nos de todos os outros.

De acordo com as autoras Ferreira, Farias e Silveiras (2003), a formação da identidade pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência e:

construir uma identidade para Erikson (1972) implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de valores, crenças e metas com os quais o indivíduo está solidamente comprometido. (p. 107)

Gallahue e Ozmun (2003) afirmam que na infância, a socialização é feita, sobretudo, pela influência da família, já na adolescência, este predomínio perde espaço para influência do grupo de amigos, sendo isto um passo para a autonomia do adolescente. Vê-se aqui um dos fatores que levam o adolescente a querer sempre se identificar com um grupo e fazer tudo de acordo com este grupo.

Outras “complicações” que podem ser atribuídas à passagem pela adolescência são problemas com a auto-estima. Sendo a auto-estima o valor atribuído pelo próprio indivíduo à percepção que faz de si e, como já dito anteriormente, o adolescente passa por grandes transformações físicas, *tais transformações impactam sua imagem corporal, ou seja, a percepção que um adolescente tem de seu físico.* (CARVALHO e PINTO, 2002, p. 12). Isto pode gerar uma baixa auto-estima, no que se refere a esta aparência física do sujeito, pois *o corpo e os traços físicos do adolescente apresentam importante relação com a imagem que ele tem de si e com a idéia que faz de como é, aos olhos dos outros* (CAMPOS, 1985, p. 25)

Também, como já dito anteriormente, pertencer a um grupo é muito importante para o adolescente, pois assim ele se identifica e se socializa, além de ser uma maneira de *se proteger de suas angústias e temores* (CARVALHO e PINTO, 2002, p. 13), sobre isso temos que *grupos de semelhantes buscam cumplicidade, compreensão e carinho dos companheiros, a fim*

*de que possam posicionar-se diante do mundo social, assim como elaborar para si próprios, em feedback, experiências vividas* (MATTA, 1996, p. 93)

De acordo com Carvalho e Pinto (2002), a formação de grupos tanto pode ajudar, pois os adolescentes apóiam-se mutuamente, como prejudicar, pois os adolescentes excluem àqueles que não se encaixam nos padrões por eles estabelecidos. Se, um adolescente, não consegue se enquadrar a um grupo ao qual atribui importância, novamente este indivíduo passa a ter uma baixa auto-estima. Quando o adolescente tem uma percepção errada de si mesmo (que pode ser consequência de uma baixa auto - estima), ele passa a não acreditar no seu potencial e na sua habilidade de cumprir tarefas - mentais, físicas e sociais (GALLAHUE e OZMUN 2003). A Educação Física escolar, muitas vezes é um “palco” onde estes conflitos surgem ou simplesmente se manifestam por conta das atividades propostas nas aulas.

### **1.3 Vergonha**

De acordo com Araújo (1999), o sentimento de vergonha é considerado um sentimento que atua na regulação de ações e condutas e que se manifesta impedindo que realizemos aquilo que pode provocar ou que pensamos que possa provocar nossa diminuição frente ao grupo. A vergonha se manifesta, ainda de acordo o autor, a partir de dois sentimentos: a exposição e a inferioridade. *A inferioridade traduz a relação do sujeito com a imagem que se acreditava capaz de projetar... a exposição é sentida quando o sujeito é visto por alguém que legítima* (ARAÚJO, 1999, p.85).

Nas aulas de Educação Física, muitas vezes, os alunos se vêem em situações nas quais devem atingir as expectativas de um grupo, situações como um jogo, por exemplo, em que uma má jogada pode fazer com que os companheiros reprovem a atuação de alguém que não possui as habilidades necessárias desenvolvidas. De acordo com Magill (apud Vieira, 1991), experiências passadas podem influenciar a decisão dos alunos para uma próxima tentativa, ou seja, se o aluno teve experiências negativas, é provável que não queira repetir a ação novamente. E a isso podemos atribuir o sentimento de vergonha, pois *quando nos envergonhamos, o olhar do outro somado ao nosso desprezo por nós mesmos, torna viver o momento insuportável* (MAUTNER, 2003, p. 02).

Além da necessidade de atingir as expectativas do grupo, com as mudanças corporais decorrentes da adolescência, os jovens devem se adaptar ao novo esquema corporal (imagem mental que possuem do próprio corpo), o que requer tempo e, durante este tempo, o adolescente pode encontrar dificuldade para localizar-se corretamente no espaço, o que faz com que muitos jovens sejam considerados “desajeitados” (MIRANDA, 2002). É, também, durante as aulas de Educação Física que o corpo entra em evidência e aqueles que não se sentem bem com seus corpos podem ficar envergonhados de se exporem para o grupo. Nestes casos, alguns alunos podem preferir não participar das aulas a terem que “correr o risco” de se apresentarem e serem reprovados pelos colegas.

Sendo assim, podemos dizer que a vergonha atua como “freio”, pois se torna um empecilho para a ação:

Por se tratar de uma emoção de auto-avaliação, a vergonha é um sentimento de queda original, não porque eu tenha cometido uma falta, mas simplesmente pelo fato de que caí frente aos outros. Trata-se de um sentimento de insegurança provocado pelo medo do ridículo ou de uma situação embaraçosa, que compromete o relacionamento social do indivíduo. ”(LAVOURA e MACHADO, 2007, p. 65).

Portanto, se a vergonha é provocada pelo sentimento de inferioridade aliado a exposição do sujeito, sentir ou não vergonha em determinadas situações também se deve ao conjunto de valores a que este sujeito atribui importância.

A vergonha envolve uma auto-reflexão baseada em valores pessoais e nos valores de outras pessoas, e o fracasso em atingí-los levará o sujeito a um estado que poderá fazê-lo experimentar ou não o sentimento, dependendo da objetivação da reflexão. (ARAÚJO, 1999, p.84)

Sendo assim, se o adolescente vive em um grupo que não atribui importância ao desempenho esportivo, por exemplo, ele não se sentirá envergonhado por não executar as técnicas esportivas com mais precisão, pois *para sentir vergonha, a pessoa deve comparar se sua ação contraria ou não algum referencial próprio ou de outras pessoas que lhe sejam significativa* (ARAÚJO, 1999, p.84)

Um adolescente que vive em um ambiente em que as diferenças não são valorizadas e possui experiências que não fortalecem sua auto-estima, pode ter problemas com a percepção que tem de si (Auto Conceito), e isto pode interferir em sua vida cotidiana. O contrário também ocorre, um ambiente no qual as diferenças são respeitadas torna-se propício para o

desenvolvimento da auto-confiança e auto-estima dos adolescentes (CARVALHO e PINTO, 2002, p.13)

Oliveira (2006), em sua dissertação de mestrado, que tem como objetivo: *compreender como as diferenças são significadas e representadas pelos 'atores sociais' que compõe o universo simbólico das aulas de Educação Física* (p. 09), cita que alguns alunos (de 8ª série do ensino fundamental) nunca participavam das aulas por ele acompanhadas para a realização de sua pesquisa e percebe que:

*o fato da não participação na aula dava-se, principalmente, pela vergonha da exposição. Meninas e meninos tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas- que pelas próprias transformações morfofuncionais da adolescência começavam a ficar evidentes- ou pela auto avaliação que não "levam jeito" para o esporte* (OLIVEIRA, 2006, p. 50).

Almeida (2003), em sua monografia sobre o interesse de alunos de 7ª série pelas aulas de Educação Física, também nota um grupo de alunos que nunca participava das aulas. Nesse trabalho temos as respostas de alguns alunos que foram questionados sobre porque não participavam: *Não faço porque é ruim ficar correndo, sua, fica fedendo e eu não sei jogar e tenho vergonha de não ser chamado*. Outra resposta bastante indicativa para o caminho que devemos percorrer é a seguinte: *Porque eu não gosto? Não tenho as habilidades que os outros colegas tem*. (ALMEIDA, 2003, p. 37).

Estas respostas, mesmo não aprofundadas, aliadas ao que Oliveira (2006) percebeu em suas observações, nos indicam que o sentimento de vergonha pode ser um dos motivos que afasta alguns alunos das aulas de Educação Física. No entanto, sabemos que existem outros fatores para a não participação nas aulas, pois este é um problema complexo, que envolve inúmeras questões que vão desde motivos de ordem individual dos alunos como motivos que envolvem questões sociais, relacionadas tanto com os professores, como com a Escola.

## **2 Pesquisa**

### **2.1 Métodos**

Com o objetivo de obter dados mais próximos da realidade sobre os motivos que podem afastar os adolescentes das aulas de Educação Física, organizamos esta pesquisa. Este estudo é do tipo qualitativo e quantitativo, pois buscamos aliar os princípios dos dois métodos para a obtenção dos resultados. De acordo com Wilson (apud FLICK, 2004 p. 278) *as abordagens qualitativas e quantitativas são métodos complementares, em vez de competitivos*.

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e obteve o parecer de aprovação N° 245/2007.

#### *Sujeitos*

Os sujeitos desta pesquisa são estudantes de ambos os sexos, de Escolas Estaduais de Campinas, de 7<sup>a</sup> ou 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental e que, no dia da observação realizada em sua escola, não participavam das atividades da aula de Educação Física. Foram entrevistados, no total, 82 adolescentes de quatro escolas diferentes. Em cada escola observou-se 3 turmas de 8<sup>as</sup> e 3 turmas de 7<sup>as</sup> séries. Portanto, tivemos uma variedade de 24 turmas participando da pesquisa.

Na primeira visita à escola, todos os alunos das séries participantes da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que segue em anexo (A). Este termo foi entregue aos alunos em sala de aula e nesse momento foi realizada uma pequena explicação sobre de que se tratava a pesquisa. No TCLE e na explicação não era detalhado que seriam entrevistados somente os alunos que não participavam das aulas para que não houvesse mudança na conduta dos sujeitos, pois alunos que costumavam não participar poderiam passar a participar ao perceberem que seriam foco dos olhares da pesquisadora. Da mesma forma, os alunos que costumavam participar poderiam passar a não realizar as atividades de aula para terem a oportunidade de serem entrevistados.

O número de 82 entrevistados se refere à parte dos adolescentes que não participavam das aulas observadas e que trouxeram o Termo de Consentimento assinado pelos responsáveis, pois cabe ressaltar que, em cada aula, havia mais alunos que não participavam das

atividades propostas, mas esses outros jovens não foram entrevistados, pois não trouxeram a autorização assinada pelos responsáveis. Por isso, esse número não representa o total de alunos que não participavam das atividades de aula, mas somente parte deles.

### *Coleta de Dados*

A coleta de dados aconteceu por meio da Observação Direta e Intensiva que, de acordo com Lakatos (1995), além de ver e ouvir uma realidade busca-se entendê-la mais profundamente e para isso se utiliza da observação e de entrevistas. As observações ocorreram nos primeiros momentos da aula, pois era nestes momentos que se identificavam os alunos que não estavam participando das atividades e também os conteúdos e a metodologia utilizada pelos professores. As entrevistas foram do tipo Despadronizada e Focalizada (LAKATOS, 1995), na qual a pesquisadora seguiu um roteiro de perguntas que, no entanto, possuía certa liberdade para conduzir a entrevista de acordo com as situações. As entrevistas ocorreram durante o horário da aula, no mesmo local (com os alunos que não estavam participando das atividades) e foram gravadas por um gravador de voz. O roteiro seguido foi o seguinte:

- Idade e Sexo
- O que acha das aulas de Educação Física?
- Porque você não participa das atividades propostas?
- Quando você participa, o que acha da sua atuação nas atividades?
- O que acha você da atuação dos colegas nas atividades propostas?
- Gosta de praticar atividades físicas fora das aulas de Educação Física? Se gostar, quais e por quê? Se não gostar, por quê?
- Para participar das aulas, o que gostaria que tivesse?

Como a entrevistada era do tipo despadronizada e focalizada havia espaço para que nem todas as perguntas do roteiro fossem realizadas à todos os sujeitos, pois esse roteiro dependia do andamento e foco que se desenrolava a conversa com os adolescentes. Da mesma maneira, algumas perguntas diferentes das do roteiro foram realizadas com alguns sujeitos por conta das necessidades surgidas ao longo da entrevista.

### *Organização dos dados*

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram transcritas iguais as falas dos sujeitos e cada sujeito recebeu um número de acordo com a ordem das entrevistas, para que pudéssemos identificá-lo e manter seu anonimato. Em seguida, foram realizadas a Seleção, a Codificação e a Tabulação dos dados e então deu-se início a fase de análise e interpretação. Para todos estes procedimentos utilizamos como referência Bardin (2000) que considera a Análise e a Interpretação como atividades distintas. A análise (ou explicação) *é a tentativa de evidenciar as relações entre os fenômenos estudados e outros fatores* (p. 159). A interpretação *é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros procedimentos* (p.160).

## **2.2 Resultados e Discussão**

### **2.2.1 A realidade escolar encontrada**

As primeiras impressões foram obtidas já nas tentativas de chegar e entrar nas escolas, o que não foi tarefa fácil, à começar pela própria arquitetura e gestão escolar. Das quatro escolas escolhidas, em três, a secretaria escolar fica dentro do prédio da escola, separado da rua por um portão que permanece trancado fora dos horários de atendimento ao público, horário este que não é regular (algumas vezes dividido nos três períodos de aula, outras vezes em apenas um dos períodos). Cada escola determina o seu horário de atendimento. Fora estes horários a escola torna-se inacessível pessoalmente, pois os portões ficam trancados. Portanto, foi necessário ir diversas vezes nas escolas para encontrá-las abertas ao público.

Todas as escolas são localizadas em bairros da região central de Campinas: Vila Industrial, Parque Industrial e São Bernardo. Por isso, de acordo com informações da Direção das escolas, além delas atenderem a população local, das escolas, possuem alunos de bairros de todas as regiões de Campinas, que escolhem estas escolas pela facilidade de acesso através ônibus.

As três escolas possuem duas quadras, uma de vôlei e outra maior, na qual é possível praticar vários esportes coletivos. Em três escolas essas quadras ficam separadas do pátio por portões que permanecem trancados, enquanto que em uma escola as quadras ficam do lado de fora do pátio interno e o acesso a elas é livre. Em todas as escolas existe uma sala específica para materiais de Educação Física e essas salas são localizadas ao lado da quadra. Nelas, geralmente, estavam guardados alguns poucos materiais para as aulas, uma mesa para o

professor e, em alguns casos, também eram guardados materiais velhos e inutilizáveis. Somente em uma escola a sala é utilizada pelos alunos, sendo arejada e organizada. Nela, os professores deixam mesas e cadeiras para que os alunos que não participam dos jogos na quadra joguem xadrez.

Participaram desta pesquisa 06 professores diferentes, sendo 04 do sexo masculino e 02 do sexo feminino e todos possuem idade acima de 35 anos. As aulas de todos os professores tinham como conteúdo o Esporte, sendo que 5 professores não direcionavam as atividades, deixando os alunos escolherem os jogos, se organizarem e resolverem conflitos, nestes casos, os jogos escolhidos pelos alunos eram o futsal e o vôlei. O futsal era praticado por meninos e o vôlei era praticado por meninas e por alguns meninos que ficam de fora do futsal.

Somente um professor direcionava a aula, ele realizava num primeiro momento, na sala de aula, a explicação teórica das regras da modalidade esportiva que estava trabalhando no bimestre e ao longo do ano as modalidades abordadas são: Futebol, Vôlei, Basquete e Handebol. Na quadra, a modalidade do bimestre era direcionada sempre pelo professor, que dividia os alunos em meninas e meninos. Enquanto um grupo ficava com o professor no aprendizado da prática esportiva o outro ficava na outra quadra com práticas livres.

Sendo assim, verificamos nas observações que os 06 professores organizam suas aulas segundo o modelo que Betti (1995) já havia verificado, no qual o Esporte é o conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física. No entanto, Betti observou que além de se utilizar o esporte nas aulas, o professor exercia a função de “professor-treinador” e os alunos de “alunos-atletas”, pois as aulas se limitavam ao ensino /aprendizado de técnicas esportivas, gestos e regras, sem haver reflexões críticas sobre o fenômeno cultural que é o Esporte. Porém, o que encontramos nas observações foi uma realidade ainda mais limitada, já que somente um professor direcionava suas aulas e exercia o papel do professor-treinador. Nos demais casos encontramos o que se costuma chamar de “rola-bola”, ou seja, não há intervenção do professor nas atividades, ele apenas se faz presente nos horários das aulas, observando os alunos e zelando pelo material.

O professor que direcionava as suas aulas avaliava os alunos de acordo com a participação nas atividades e por trabalhos escritos sobre as regras das modalidades. Quando o aluno participava dos jogos recebia ponto positivo e quando não participa recebia ponto negativo. Esse método para avaliação por participação também foi repetido por outros 03 professores que, mesmo não direcionando as aulas, cobravam a participação dos alunos nos jogos.

Um dos professores não realizava avaliação e um outro dava nota mínima de 5,0 para todos os alunos e a essa nota somava pontos para aqueles que entregavam preenchidos os quadros de um jogo de raciocínio lógico-matemático chamado “SUDOKO”, o qual se assemelha a um jogo de palavras-cruzadas, mas com números. Nele, existem vários quadros, alguns preenchidos com números e outros não e os alunos devem conseguir preencher os quadros vazios com seqüências de números que não podem se repetir. Sendo assim, se o aluno participasse dos jogos em aula, mas não trouxesse os “SUDOKOS” ficava com nota inferior as dos alunos que não participavam dos jogos em aula mas que traziam “SUDOKOS” preenchidos. Veja a percepção de uma aluna de 14 anos sobre isso:

*A gente fica sentado, quem fica sentado ganha nota, quem faz ganha nota igual. A gente faz sudoku que eu acho interessante porque desenvolve conhecimento, a professora de matemática explicou isso, que ele é bom, mas é difícil. Ele (professor de educação física) passa três sudokos, cada um vale um ponto, você errando ou acertando. Então eu não faço nada, fico sentada porque eu não gosto de futebol, não gosto de vôlei, ele não passa nenhum esporte, nada. Não dá aula teórica pra gente, nada, nada, nada e eu ganho 5 de média. Sem fazer nada. Com o sudoku, errando ou acertando, eu ganho três pontos à mais e fico com 8.*

Analisando todos os casos, vemos que a forma mais utilizada de avaliação pelos professores e a por participação. A avaliação por participação surgiu *como uma forma de minimizar a inflexível matematização da maioria dos processos avaliativos praticados em grande parte de nossas escolas* (SGARBI, p.01), ou seja, surgiu como uma forma de avaliar para além das notas de provas, pois ela não dizem muito sobre os alunos. Por inúmeros motivos o aluno pode não se sair bem naquela prova, naquele dia e caso a prova se realizasse em outro momento, poderia ser que aquele aluno se saísse melhor.

Pude notar em minhas experiências como aluna e como estagiária que esse método de avaliação é muito comum nas aulas de educação física. Talvez isso aconteça, porque a educação física é uma disciplina na qual participar ou não fica totalmente evidente, afinal ou você está na atividade ou está sentado, o que facilita a observação pelo professor. Em outras disciplinas o modelo de aula costuma ser outro, no qual os alunos ficam sentados em suas cadeiras ouvindo o professor e por isso, muitas vezes, a não participação pode passar sem ser notada. Além disso, as provas escritas não costumam ser utilizadas pelos professores de educação física, o que faz desse método uma alternativa para a limitação das avaliações dos

alunos, normalmente baseadas somente nas provas. Sgarbi nos alerta que devemos ter um olhar atento a isso, pois:

Se notas resultantes de aferições não nos dizem, na verdade, quem é o nosso aluno, como notas de participação podem expressar o que ele é, se mesmo que pensemos conhecer cada um dos nossos alunos como a palma de nossas mãos, esse conhecimento tem a nós como referencial?(SGARBI,p.09)

É importante atentar para isso, pois a avaliação por participação continua a utilizar o professor como referencial de atribuição de valores, já que é o professor quem determina quais são os comportamentos aceitáveis sem, na maior parte das vezes, considerar o que o aluno pensa ser importante.

### **2.2.2 Quem são os alunos que não participam das aulas**

A partir de agora, segue uma análise dos alunos que foram entrevistados por não estarem participando das atividades de aula e que entregaram o Termo de Consentimento assinado pelos pais os autorizando a participarem da pesquisa.

Pudemos observar que, a maior parte dos não participantes (67 sujeitos) eram meninas e a faixa etária que mais aparece, tanto para os meninos quanto para meninas, é de 13 à 15 anos. Isto condiz com a série escolar que eles pertencem e algumas variações com sujeitos de idade acima da esperada na série escolar que se encontra podem ser atribuídas aos casos de repetência, desistência dos estudos por algum tempo ou mesmo início tardio da vida escolar. Também temos entre os sujeitos 02 casos de indivíduos portadores de necessidades especiais.

A questão sobre o fato de a maior parte do grupo dos não-participantes ser composta por meninas pode ser analisada considerando-se várias questões: a primeira pode ser o fato da atividade predominante nas aulas observadas ser o futebol, prática culturalmente instituída em nosso país como sendo masculina e que, portanto, ainda esbarra em preconceitos na inserção das meninas; outra possível questão também relacionada a fatores culturais de formação de gênero que estimulam as meninas a participarem de atividades tidas como “femininas” como, por exemplo, brincar de bonecas ou, já na adolescência, a se preocuparem com a aparência. Já o esporte (conteúdo majoritário das aulas observadas) não se adequa a este padrão cultural feminino que se espera das adolescentes e por isso é tido por muitos como práticas masculinas. E *para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como*

*masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol pressupõe ir contra uma tradição* (DAOLIO, 2003, p. 112).

Quadro 01: Idade e sexo dos alunos não participantes:

<b>IDADE</b>	<b>N. de MENINOS</b>	<b>N. de MENINAS</b>	<b>Porcentagem sobre o total do mesmo sexo</b>
<b>12</b>	0	02	Meninos: 0
			Meninas: 2,98%
<b>13</b>	03	21	Meninos: 20%
			Meninas: 31,34%
<b>14</b>	05	30	Meninos: 33,3%
			Meninas: 44,7%
<b>15</b>	06	10	Meninos: 40%
			Meninas: 14,9%
<b>16</b>	01	03	Meninos: 6,6%
			Meninas: 4,4%
<b>17</b>	0	0	-----
<b>18</b>	0	01	Meninos: 0
			Meninas: 1,49%
<b>TOTAL</b>	15 SUJEITOS	67 SUJEITOS	

Isto também foi percebido na monografia de Silva (2003) que discutiu a formação de estereótipos de gênero na educação física escolar e que através de sua observação em uma escola estadual disse:

*Eu pensava que as meninas queriam ser bonecas, lindas... Algumas mais 'aparecidas' e outras bem paradinhas em algum canto. No máximo elas poderiam gostar de dançar, assim como as bailarinas nas caixinhas de música* (SILVA, 2003, p. 21)

Esta construção social de meninos e meninas não está presente somente na aula de educação física, mas na própria escola como um todo e na sociedade. O fato das meninas se considerarem menos aptas e até mesmo desencorajadas a participarem das atividades nas aulas de educação física deve considerar que *hábitos corporais masculinos e femininos vão ao longo do tempo e dependendo da sociedade, tornando um sexo mais hábil que outro em termos motores* (DAOLIO, 2003, pg.111), por isso, a construção cultural do corpo (não somente durante a educação física mas durante toda a vida do indivíduo) é diferente entre meninos e meninas.

Agora, observando o quadro 2 a seguir, podemos notar que apesar das entrevistas terem sido realizadas em números iguais de 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries, a maior parte dos entrevistados era de 8<sup>as</sup> séries, o que reafirma as observações realizadas, nas quais sempre haviam mais alunos não participando das aulas nestas turmas do que nas outras.

Quadro 02: Série Escolar dos Sujeitos

SÉRIE	MENINOS	MENINAS	TOTAL
<b>7<sup>a</sup></b>	04	35	<b>29</b>
<b>8<sup>a</sup></b>	11	42	<b>53</b>

Este quadro nos apresenta, dentro da realidade escolar observada, que há uma grande quantidade de alunos que não participa das aulas principalmente na oitava série e que a maior parte dos alunos que não participa é composta de meninas. O fato da maioria dos alunos ser de 8<sup>a</sup> série pode ser justificado, pois nesta fase escolar os alunos já vivenciam com mais intensidade as dificuldades da adolescência, que os atrapalha na participação; Problemas como transformações no corpo que os fazem sentir-se desajeitados e com a auto-estima baixa, problemas de socialização com os demais alunos e necessidade de se afirmarem não mais como crianças o que justifica não gostar de atividades de brincar (tidas como coisas de criança). Já na 7<sup>a</sup> série, os sujeitos vivem com menos intensidade estes problemas, muitos alunos ainda não sofreram grandes alterações corporais e muitos ainda não encontram problemas com o brincar.

### 2.2.3 Motivos para a não participação

Para pensar sobre o motivo da não participação dos adolescentes nas aulas de educação física, é importante que antes façamos uma reflexão sobre o que os alunos que não participam das aulas pensam sobre elas. Por isso, perguntamos aos sujeitos: “O que você acha das aulas de educação física?” Muitos alunos apesar de não participar das aulas as consideram “Boa” como, por exemplo nas seguintes respostas:

*Boa, porque nós não fazemos nada, to aqui sem fazer nada* (Menina, 15 anos, 8<sup>a</sup> série)

*Acho bom, porque são esporte e faz bem pras pessoas*(Menina, 15 anos, 8<sup>a</sup>série)

*Ah, eu gosto...converso com meus amigos* (Menina, 14 anos, 7<sup>a</sup> série)

*Legal, boa...faz exercício e ao mesmo tempo se diverte*( Menina, 13 anos, 7<sup>a</sup>. série)

No quadro a seguir, estão as respostas de todos os alunos que consideraram as aulas a partir de aspectos positivos. É importante observar que nos dois próximos quadros os percentuais foram calculados a partir do total de meninas e meninos separadamente:

Quadro 03: Justificativas dos alunos que consideram a aula BOA:

Motivos	Sujeitos	Percentual	Total de respostas
<b>Tem atividade física/esporte</b>	Meninos:05	33,33%	<b>12</b>
	Meninas: 07	10,44%	
<b>Divertida/ legal</b>	Meninos: 2	13,33%	<b>8</b>
	Meninas:06	8,95%	
<b>Pode conversar, ouvir música</b>	Meninos: 0	0%	<b>3</b>
	Meninas:03	4,47%	
<b>Não faz nada</b>	Meninos: 0	0%	<b>3</b>
	Meninas: 03	4,47%	
<b>O professor é bom/legal</b>	Meninos: 01	6,66%	<b>2</b>
	Meninas: 01	1,49%	
<b>Sai da sala de aula</b>	Meninos: 01	6,66%	<b>2</b>
	Meninas: 01	1,49%	
<b>Pode fazer o que quiser</b>	Meninos: 0	0%	<b>2</b>
	Meninas: 03	2,98%	
<b>Pode brincar</b>	Meninos: 0	0%	<b>1</b>
	Meninas: 01	1,49%	
<b>Pode jogar futebol a hora que quiser</b>	Meninos:01	6,66%	<b>1</b>
	Meninas:0	0%	
<b>Não sabe</b>	Meninos: 0	0%	<b>1</b>
	Meninas: 01	1,49%	
	<b>TOTAL:</b>		<b>32</b>

Agora, analisaremos as justificativas dos alunos que não participam das aulas, pois às consideram “Ruim”. Segue alguns exemplos de respostas que atribuem à aula de educação física um valor negativo:

*Ah! Eu acho muito ruim, a gente não faz nada, ninguém diz nada, a gente faz a chamada, depois é liberado pra gente fazer o que quiser. (Menino, 13 anos, 7ª série)*  
*Ultimamente não tá sendo legal não. Porque toda vez é sempre a mesma coisa, o mesmo esporte que nós praticamos. O professor não dá nada diferente. (Menino, 14 anos, 7ª série)*

*Eu acho meio parada, porque não tem nada pra gente fazer, ai fica assim oh: sem fazer nada e a gente podia tá fazendo alguma coisa...(Menina, 14 anos, 8ª série)*

*Não gosto muito. Só tem vôlei e futebol e não gosto de nenhum dos dois. (Menina, 14 anos, 8ª série)*

*Eu acho assim, que as pessoas vê a aula de educação física como uma aula pra descansar das outras aulas, para comer...eu acho que ninguém tem vontade de fazer alguma coisa, algum esporte porque não tem incentivo do professor. (Menina, 14 anos, 8ª. série).*

Quadro 04: Justificativas dos alunos que consideram a aula RUIM

<b>Motivos</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>Percentual</b>	<b>Total</b>
<b>Não tem o que fazer e não é cobrado</b>	Meninos: 02	<b>13,33%</b>	<b>14</b>
	Meninas: 12	<b>17,91%</b>	
<b>São sempre as mesmas atividades</b>	Meninos: 03	<b>20%</b>	<b>11</b>
	Meninas: 08	<b>11,94%</b>	
<b>O professor não propõe/não ensina/ não interage</b>	Meninos: 01	<b>6,66%</b>	<b>11</b>
	Meninas: 10	<b>14,92%</b>	
<b>Não gosta dos esporte propostos</b>	Meninos: 01	<b>6,66%</b>	<b>8</b>
	Meninas: 07	<b>10,44%</b>	
<b>Não gosta de esporte/ não pratica atividade física</b>	Meninos: 01	<b>6,66%</b>	<b>4</b>
	Meninas: 03	<b>4,47%</b>	
<b>Não gosta do professor</b>	Meninos: 0	<b>0%</b>	<b>1</b>
	Meninas: 01	<b>1,49%</b>	
<b>Não sabe jogar</b>	Meninos: 0-	<b>0%</b>	<b>1</b>
	Meninas: 01	<b>1,49%</b>	
	Total		<b>50</b>

A partir das respostas observadas no quadros anteriores podemos perceber que, primeiramente, a maior parte dos alunos que não participa das aulas considera que estas são ruins, porém, mesmo parecendo controverso, alguns alunos que não participam das atividades dizem que a aula de Educação Física é boa. No entanto, a justificativa para isso é que nos faz refletir, pois bom para estes alunos é que nas aulas de educação física pode-se ficar sem fazer nada, sair da sala de aula, é também na quadra que estes alunos podem conversar e ouvir música. Algo que não é positivo pensando-se no modelo escolar de aulas, pois para estes alunos a educação física não é uma disciplina como as demais, com conteúdos específicos que devem ser compreendidos. Na verdade, nas turmas observadas, a Educação Física passa a ser o horário da recreação, da diversão, menos do aprendizado; para estes alunos as aulas de Educação Física são praticamente iguais ao horário do intervalo, com a diferença de que podem ficar na quadra. Ainda em relação a esta questão, devemos nos questionar: Por que os alunos assumem esta postura? Pois chegam até a dizer que a aula é divertida, mas preferem não participar.

O caminho para esta resposta está sinalizado quando se observa o quadro número 4, no qual vemos a posição dos alunos que consideram as aulas ruins e atribuem a isso o papel que vem sendo desempenhado pelo professor, qual não cobra a participação dos alunos, sempre propõe as mesmas atividades e não interage com o grupo. Sendo assim, um dos motivos para que muitos considerem a Educação Física o momento da recreação ou mesmo uma disciplina menos importante que as outras e que não tem nada a ensinar pode ser atribuído à postura assumida pelo professor.

Conforme descrito anteriormente, dos seis professores observados somente um sabia o nome dos alunos e realmente propunha atividades, não simplesmente fazia o “rola a bola”. Em todas as escolas visitadas o conteúdo das aulas foi somente esporte, mais especificamente o futebol para os meninos e o vôlei para as meninas e meninos que não estavam no jogo de futebol. Sabemos que a Educação Física, como disciplina escolar que tem como conteúdo a cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992), pode ir além, existem diversos outros conteúdos a serem desenvolvidos.

Além disso, é significativo o número de alunos que dizem não gostar das aulas de Educação Física por não gostarem de práticas esportivas, não gostarem dos esportes propostos e por serem sempre as mesmas atividades (esporte!). Além disso, podemos entender também que quando um aluno diz não gostar das aulas por não saber jogar, entre outros determinantes destes motivos podemos atribuir à isso um problema na escolha dos conteúdos, pois se houvesse a proposta de outras atividades que não fossem somente esporte, talvez esse aluno não sentir-se-ia incapaz de realizá-las com êxito.

Portanto, analisando esta questão, podemos verificar que, o não gostar e não participar das aulas está intimamente relacionado com a proposta realizada pelo professor que, muitas vezes, insiste em somente um conteúdo para as suas aulas. Esta afirmação é semelhante à notada por Martinelli (et. al 2006) que em pesquisa sobre os motivos que levam as alunas de ensino médio a não gostarem das aulas de Educação Física notaram que todas responderam que não gostam das aulas por conta do conteúdo programático e este conteúdo era o esporte.

Observando, ainda no quadro 4, podemos verificar que o fato do aluno não participar da aula não quer dizer que ele esteja desinteressado mas, sim, pode suscitar muitas outras questões, pois quando um aluno diz que não participa porque *não é cobrado, o professor não ensina nada* ou mesmo que *o professor dá sempre as mesmas coisas*, nota-se que este adolescente teve uma percepção dos problemas da disciplina, percebeu as falhas e desmotivação

do professor e até mesmo que não há necessidade de participar pois não irá aprender nada novo ou nem mesmo será cobrado. Por isso, podemos dizer que quando um aluno não participa está fazendo sua crítica, mostrando seu descontentamento ou sua oposição ao modelo atual que a disciplina vem desempenhando.

A partir desse primeiro olhar sobre as opiniões dos alunos sobre as aulas de Educação Física podemos agora entender melhor os motivos de sua não participação. Para exemplificar esta relação entre os motivos da não participação nas aulas e o que os alunos pensam sobre elas, temos o caso de uma aluna de 8ª série, que alegou não participar da aula *porque não tem mesmo o que a gente fazer* e aparentemente os jogos estão lá para serem realizados, porém, na questão 01 ela diz gostar da aula porque pode ficar fazendo o que quiser, ou seja, *a gente faz o que a gente quiser, assim, nada....não nada assim, tipo, organizado, sabe?* Neste caso, vemos que a falta de direção na aula e a falta de atividades “formais”, ou seja, propostas organizadas, detalhadas pelo professor, faz a aluna ver a educação física como um momento não organizado e por isso não participa.

Analisando outros casos, temos um aluno de 7ª série que alega não gostar das aulas porque *toda vez é a mesma coisa, o mesmo esporte que nós pratica. O professor não dá nada diferente* e na questão sobre o motivo da não participação alega não participar das aulas por esse mesmo motivo, ou seja, não gostar das atividades propostas e da estrutura da aulas.

A partir disso, e para compreendermos os motivos da não participação dos jovens, agrupamos as respostas a partir de seus núcleos centrais, pois durante a análise dos dados percebemos que as respostas partiam de 06 núcleos comuns: a) Motivos relacionados à estrutura metodológica da aula b) Motivos relacionados à postura do professor; c) Motivos relacionados à infra-estrutura da escola; d) Motivos relacionados à questões pessoais dos alunos; e) Motivos de saúde; f) Motivos relacionados ao grupo que o aluno está inserido;

Quanto aos motivos de estrutura metodológica da aula, consideramos os que se referem as atividades propostas na aula e como estas atividades são organizadas, ou seja, à metodologia e conteúdo. Em problemas relacionados à postura do professor consideramos aquelas respostas que citaram diretamente o fato de não participar porque o professor não exige e não interage com os alunos. Também fizemos um grupo para as respostas em que a raiz está em problemas pessoais dos alunos, como vergonha, auto-estima baixa, desmotivação e o fato de o aluno julgar que não sabe jogar. Outro grupo de respostas foi o daquelas que justificaram a não participação por problemas de saúde e por possuírem atestados médicos. Também temos um

grupo para as situações que têm a raiz em problemas com o grupo, ou seja, o aluno não participa porque não se relaciona bem com quem participa da atividade ou porque pertence a um grupo que não participa e por isso também fica de fora da atividade. Por fim, fizemos um grupo de respostas que estão relacionadas à infra-estrutura da escola, como por exemplo, o fato da quadra não ser coberta e fazer muito sol no horário das aulas, o que faz com que os alunos prefiram não participar.

A partir disso, foi possível verificar que a origem da maior parte dos problemas que afastam os adolescentes das aulas de Educação Física está relacionado a dois grandes blocos de respostas: **Problemas Pessoais dos alunos e à Estrutura Metodológica da aula**. No quadro 05 estão os números de respostas que deixam evidente estas idéias.

Para refletir sobre os Motivos Pessoais que afastam os alunos das aulas devemos atentar ao fato de que não saber jogar é um fator de grande influência para afastar os alunos das aulas. O que podemos ver nas respostas diretas sobre isso, dadas por 24 entrevistados. Como falado por diversos sujeitos, não saber jogar implica ouvir comentários negativos do grupo, se sentir culpado por atrapalhar a equipe e na aparição do sentimento de vergonha, como diz uma aluna: *não sei jogar, tenho medo de errar, os outros ficar tirando sarro*, ou ainda, quando ouvimos outra aluna dizer: *assim, eu não quero ser xingada, não quero provocar briga e nem, por exemplo, eles ta jogando e o time deles perder por causa de mim e é melhor eu ficar no canto e quando tem umas meninas a gente pega uma corda, uma dama*. É difícil de aceitar uma realidade como esta, na qual os alunos não participam de uma aula por não saberem o seu conteúdo. Isto parece ser contraditório, pois uma aula existe para ensinar algo à alguém que sozinho não conseguiria ou demoraria mais para se apropriar de tal conhecimento. Por isso, devemos pensar o que tem acontecido nas aulas de educação física que faz com que a realidade seja invertida e somente participem das atividades aqueles que já sabem o conteúdo?

Para entender essas questões é importante ter em mente que, apesar de agruparmos os motivos da não participação, eles estão ligados, pois os exemplos citados anteriormente estão relacionados aos conteúdos e métodos utilizados pelo professor. O conteúdo das aulas é o esporte, e não o “esporte da escola”, mas sim o modelo “esporte na escola”(BRACHT, 1992), no qual se repete dentro do universo escolar um modelo olímpico de prática esportiva e que, com isso, seleciona os mais aptos e exclui os demais.

A postura assumida pelos professores era, quase sempre, de não intervenção e nas séries observadas os alunos já possuem certa autonomia, com isto a seleção de sujeitos e

repetição do modelo olímpico do esporte era realizada por eles mesmos, ou seja, estes valores já estão tão arraigados que os alunos executam as escolhas sozinhos, sem interferência do professor, que somente observa a exclusão e a prática esportiva dos alunos, fazendo o que BETTI (1992) chamou de “rola a bola” .

Quadro 05: Motivos para a não participação:

Temas	Núcleos centrais	Respostas que deram origem aos grupos	Total de respostas
<b>Escola, Professor e Metodologia</b>	a) Estrutura metodológica da aula	Haviam duas atividades: Futebol em uma quadra para os meninos e vôlei para as meninas em outra e algumas meninas não queriam jogar vôlei, mas futebol.	21
		As equipes já estavam formadas e, por isso outros alunos ficavam de fora da atividade	
		Falta de organização da aula	
		Não gosta da atividade proposta na aula .	
		Não tem atividades dirigidas, por isso o conteúdo não é claro para alguns alunos que não vêm contribuições em participar da aula	
<b>Aluno</b>	b) Postura do professor	Não é exigida participação pelo professor	03
		c) Problemas na infra- estrutura da escola	A quadra é descoberta, por isso o sol e o calor faz com que alguns alunos não participem.
<b>Aluno</b>	d) Problemas pessoais dos alunos	Não sabe jogar	37
		Não sabe jogar e os outros reclamam...	
		Não está vestido adequadamente	
		Não tem vontade	
		Está cansado	
<b>Aluno</b>	e) Motivos de saúde	Problemas de saúde e atestado médico	12
		f) Questões relacionadas ao grupo	Não se relaciona bem com o grupo que participa das aulas
Outros alunos não participam, por isso não quer participar também.			

Tendo em mente que apesar de agrupados os motivos se relacionam, podemos continuar a pensar sobre o grupo de motivos mais citado pelos alunos que são os Motivos Pessoais. Nestes casos, consideramos os que envolvem conflitos internos do sujeito. Como citado acima, quando um sujeito não participa porque não sabe jogar, primeiramente, temos uma auto-avaliação negativa quanto a capacidade de realizar bem a tarefa de jogar, tal avaliação pode ser

real –o aluno realmente não desenvolveu as habilidades necessárias- ou mesmo imaginária. A partir do momento que tal avaliação o impede de tentar realizar tal tarefa, podemos dizer que o sujeito pode estar sendo influenciado pelo sentimento de vergonha. Segue as respostas de alguns alunos sobre porque não participam das aulas:

Não sei jogar, tenho medo de errar e os outros ficarem tirando sarro. (Menina, 14 anos, 7<sup>a</sup>.série)

Porque, assim, eu não conheço muito de vôlei, eu não sei como jogar, entendeu? Então, eu tenho muito medo de fazer errado, o professor não explica e eu prefiro nem jogar, entendeu? (Menina, 15 anos, 8<sup>a</sup>série)

Eu não gosto de fazer porque às vezes a gente não sabe jogar e ficam falando, brigando. (Menina, 13 anos, 7<sup>a</sup>série)

Eu tenho vergonha e tenho medo de errar. (Menino, 13 anos, 7<sup>a</sup>série)

O sentimento de vergonha é considerado um sentimento que atua na regulação de ações e condutas e que se manifesta impedindo que realizemos aquilo que pode provocar ou que pensamos que possa provocar nossa diminuição frente ao grupo. A vergonha se manifesta, de acordo com Harkot-de-la-taille ( apud Araújo 2001), a partir de dois sentimentos: a exposição e a inferioridade. Parecia ser, justamente, o que estava ocorrendo com os alunos citados anteriormente. Não participavam porque ficava evidente para o grupo as suas inferioridades, inclusive, o grupo as tratava com diferença por conta dessa inferioridade explícita na exposição que o jogo promove e que é mostrado nas respostas acima.

A partir disso, também podemos pensar sobre o caso de três alunas que não participam da aula por não estarem vestidas adequadamente. As três meninas estavam de salto alto e por isso não participaram das atividades. Podemos pensar em quais padrões de feminilidade são impostos a elas que as fazem se vestir de tal maneira para ir à escola? Podemos pensar, ainda, se não seria essa uma maneira de não precisarem participar dos jogos e assim evitar de, possivelmente, decair perante o julgamento do grupo. Analisemos a resposta de uma dessas garotas :

*eu acho errado umas pessoas excluí umas meninas que não sabe jogar por outras que sabe jogar melhor do que elas, sabe assim, excluí assim do time, fala assim: ah, não quero você porque você não sabe jogar, entendeu?*

Esta aluna disse não estar participando porque estava de salto e em seguida, após algum tempo de conversa, revelou sua opinião sobre como as aulas eram realizadas, porém quando foi questionada se ela se sentia uma dessas meninas “excluídas” ela respondeu : *Não, não*, no entanto, passou toda a aula afastada do grupo. Sendo assim, apesar da resposta ser negativa, não seria tal resposta e o uso do salto uma possível forma de se poupar do possível

juízo de que ela não seria uma boa jogadora, além de reforçar padrões sociais de feminilidade? Esta hipótese é válida quando temos, ainda, a informação dada pelo professor de que tal aluna nunca participa das aulas e que, de modo geral, essas alunas vestidas inadequadamente para a aula, julgaram ter uma atuação mediana nos jogos, apesar de afirmarem que a atuação dos demais alunos é melhor. Isto demonstra um sentimento de inferioridade perante o grupo.

Este sentimento de inferioridade parece estar presente em muitos alunos que não participam das aulas de educação física, pois todos acham que possuem uma atuação inferior aos colegas que participam.

No quadro 07, consideramos as respostas “Melhores que a própria” aquelas que os alunos deram melhores conceitos para os outros do que a si próprios, por exemplo, quando o sujeito disse que a própria atuação é *mais ou menos* enquanto que a dos colegas ele disse que é “Boa”; para resposta “Igual a própria” consideramos respostas iguais para si próprio e para o outro, por exemplo, o sujeito 45 considerou a própria atuação “Boa” e a resposta para a atuação dos colegas foi: *Eles são bom também*. Para atuação “Pior que a própria” consideramos quando um aluno disse, por exemplo, que a própria atuação é Boa e dos colegas Ruim.

Em um primeiro olhar nos quadros a seguir, podemos detectar que a maior parte dos alunos considerou a própria atuação **Ruim ou Média**, e a maioria respondeu que o outro é melhor. Isto significa que a maior parte dos alunos que não participa das aulas possui um sentimento de inferioridade perante o grupo, pois considera que sua atuação nas atividades propostas é pior que a dos demais. Por isso, a não participação pode estar relacionada ao fato do aluno não querer expor-se perante o grupo, o que podemos considerar relacionar ao sentimento de vergonha. Esta afirmação vai ao encontro da monografia de Almeida (2003) sobre o interesse de alunos de 7ª série pelas aulas de Educação Física, na qual notou que muitos não participavam por não terem “habilidades necessárias” e por isso têm vergonha de participar. Outra pesquisa que vem colaborar com esta afirmação é a de Oliveira (2006), que percebeu em sua dissertação de mestrado que muitos alunos não participavam das aulas de educação física por sentirem vergonha.

Quadro 06: O que o aluno acha da própria atuação?

Respostas	Sujeitos	Percentual do total do mesmo sexo	Total
Boa	Meninos:02	13,33%	13
	Meninas:10	16,41%	
Mal, ruim, péssima, horrível	Meninos:04	26,66%	31
	Meninas:27	40,29%	
Mediana, mais ou menos	Meninos:07	46,66%	30
	Meninas:23	34,32%	
No esporte proposto é ruim, nos outros é boa	Meninos: 0	0%	3
	Meninas: 03	4,47%	
No futebol é bom e no vôlei mediano	Meninos: 01	6,66%	3
	Meninas: 02	2,98%	
No vôlei é boa, nos outros esportes é ruim	Meninos: 0	0%	2
	Meninas: 02	2,98%	

Quadro 07: O que o aluno acha da atuação do colega?

Respostas	Sujeitos	Percentual sobre o total do mesmo sexo	Total
Melhor que a própria	Meninos:07	46,66%	51
	Meninas:44	65,67%	
Igual a própria	Meninos: 07	46,66%	25
	Meninas:18	26,86%	
Pior que a própria	Meninos: 01	6,66%	04
	Meninas: 03	4,47%	
Não sabe	Meninos 0	0%	02
	Meninas: 02	2,98%	

Todos os alunos que responderam que a própria atuação é Boa responderam também que os outros são Iguais ou Piores, nenhum disse que os outros são melhores, apesar dele também ser bom. Então, devemos nos questionar que, se o aluno percebe que tem uma atuação positiva e que atua melhor ou igual aos outros, porque ele deixa de participar das atividades?

Observamos que nenhum destes alunos justificou a não participação das atividades por motivos pessoais. Temos alguns exemplos que deixam claro isso: Duas alunas disseram não participar pois não se dão bem com o grupo participante. Três alunas responderam que não gostam das atividades propostas da aula. Um dos alunos disse que não tem o que fazer na aula, outra reclamou da organização e outro disse, ainda, que estava com atestado médico. O que nos mostra que para estes alunos a questão metodológica e didática é o que os afasta das atividades. Podemos entender que, talvez, o fato de saber jogar seja desmotivante, pois o aluno

terá que jogar com quem sabe menos do que ele e, seguindo a lógica da competição, o jogo tende a ser desmotivante.

Em contrapartida, todos os alunos que responderam que tem uma atuação ruim disseram que a atuação dos colegas é melhor e a maioria disse que não participa das aulas por motivos que consideramos “Motivos Pessoais”. A maioria das respostas foi no sentido de que não participam porque *não sabem jogar, não sabe jogar e os outros reclamam, xingam...*, alguns justificaram que não participam por problemas na “Estrutura Metodológica da aula” e dois alegaram que possuem atestado médico. Estas respostas nos dão um parâmetro do que vem acontecendo com estes alunos: os alunos têm uma percepção negativa da própria atuação, por outro lado consideram os outros melhores. Esta realidade é ainda mais negativa quando o aluno aponta que os outros *xingam, reclamam* e isso faz com que não queira participar para não atrapalhar o grupo.

Alguns alunos especificaram que no esporte proposto na aula, eles são ruins e em outros são bons. É o caso de um aluno que apesar de dizer que a atuação dos colegas é igual a própria, não participava da atividade de vôlei e quando perguntado sobre o que achava da própria atuação disse que no vôlei era ruim. Outros alunos ainda disseram que somente em um esporte específico a atuação é boa e nos demais é ruim. Uma menina, por exemplo, participava de uma aula que havia uma divisão de atividades, somente os meninos jogavam futebol e as meninas deveriam jogar vôlei. Esta garota respondeu que tem uma atuação no futebol boa, mas no vôlei não atua tão bem, no final das contas ela não participava da aula porque aquilo que sabia fazer não podia por haver divisão entre os sexos junta-se a isso um sentimento de inferioridade, pois respondeu quando perguntada sobre a atuação dos colegas que: *minhas amigas são boas de futebol, no vôlei elas também são muito boas*. Ou seja, a prática de futebol poderia ser um momento que ela poderia se igualar as amigas, no entanto, as meninas somente podiam jogar vôlei naquela aula, e no vôlei ela se acha ruim em comparação com as amigas. O resultado disso é mais uma aluna sem participar da aula, pois isso fará com que a sua imagem decaia perante o grupo de amigas que jogam vôlei bem.

Por isso, apesar dos alunos não estarem participando por Motivos Pessoais, a Metodologia utilizada na aula é muito importante para o aluno participar ou não e isso está diretamente ligado ao professor, pois mostra o que este deve considerar nas aulas. É certo que o professor não deve dar aulas somente do que os alunos querem, pois muitas vezes os alunos não possuem autonomia suficiente sobre o conteúdo para poderem escolher sozinhos o que precisam

aprender, porém o professor deve ouvir e entender as reclamações dos alunos como uma crítica a repetição de conteúdos ao longo dos anos escolares e procurar, então, diversificar, despertar o interesse, fazer com que os conteúdos da Educação Física façam sentido. Se um aluno não gosta de esportes e em toda aula é somente isso que ele pode fazer, é claro que ele não se motivará e se afastará, ainda mais se o modelo escolar de esporte for o olímpico e este aluno considerar que não sabe jogar.

Isso fica mais evidente quando analisamos as respostas dadas pelos alunos à questão: “Gosta de praticar atividades físicas fora das aulas de Educação Física? Se gostar, quais e por quê? Se não gostar, por quê?” Nesta questão podemos verificar que muitos dos alunos que não participam da aula de educação física praticam atividade física fora do ambiente escolar. Nem todos os participantes da pesquisa responderam a esta questão por conta de que o caminho percorrido pela entrevista foi outro e não coube esta pergunta ao diálogo que se fazia entre a pesquisadora e o entrevistado.

Foram 72 sujeitos que responderam a esta pergunta. Deste total, 40 disseram que não praticam nenhuma atividade fora da escola e 32 responderam que praticam. Apesar do número de praticantes ser menor que o de não praticantes, consideramos bastante relevante esse número, pois estes são alunos que se recusam a participar de atividades nas aulas da Educação Física.

Primeiramente, é importante tentarmos compreender o universo destes jovens que não praticam atividade nas aulas e nem fora da escola. Isto pode ser atribuído a inúmeros fatores, o primeiro é o social. Os alunos entrevistados estudavam em escolas públicas de bairros de classe média-baixa, na região das escolas não há espaços públicos para a prática de atividade física, o que leva os alunos a terem que pagar para ter acesso. Ou seja, o acesso é limitado à condição financeira. Outro fator pode ser o de que o aluno não se interesse por tais práticas por não atribuir importância a elas, ou mesmo, porque conforme foi verificado nesta pesquisa, o fato dos alunos acharem que não tem boa atuação nas práticas corporais, pode levá-los a não se sentirem à vontade de fazê-las, mesmo em outro ambiente que não seja a escola. Conforme já discutido, muitas vezes, os alunos não conhecem outras atividades que não sejam as oferecidas na escola e por isso, não buscam praticar fora dela.

Isso pode ser exemplificado em um caso, no qual uma aluna de 8ª série, quando questionada sobre se gostaria de praticar atividade física fora da escola respondeu : *Eu nunca pratiquei* e então foi perguntado se ela teria interesse em praticar e ela respondeu: Não, *acho que*

*eu não ia saber direito*. Esta aluna, quando questionada sobre o porquê de não participar das aulas de Educação Física respondeu *Não sei jogar, tenho medo de errar, os outros ficam tirando sarro*. Portanto, fica evidente que o fato de não saber jogar a afasta das aulas, pois talvez nem tenha idéia das inúmeras atividades que possa praticar fora da escola. Isso fica claro quando esta aluna foi questionada sobre o que ela gostaria que tivesse nas aulas de educação física para que ela pudesse participar, ela respondeu:

Ah, acho que deveria ter mais jogo queimada...só tem vôlei e futebol, os dois que eu não sei.

**Poderia ter mais alguma coisa?**

Não, só queimada...quem não sabe queimada.

Podemos notar na resposta da aluna que ela gostaria que tivesse algo na aula que ela soubesse fazer e nesse caso ela cita a queimada, sem conseguir pensar em outra coisa, pois possivelmente não conhece outras atividades que possa praticar e se sair bem.

A seguir, pensando nos alunos que praticam algum tipo de atividade física fora da escola, criamos o quadro a seguir que nos mostra quais atividades eram praticadas pelos alunos. O quadro foi organizado a partir das respostas mais citadas para as menos citadas e os percentuais são em relação ao total de meninos e o total de meninas que participaram da pesquisa.

A resposta mais citada para que tipo de prática os alunos fazem fora da escola foi de atividades que também ocorrem na aula de educação física. Isto nos leva a acreditar que, além do fato do Esporte ser a forma de atividade física mais divulgada na mídia, os alunos não gostam da maneira como o esporte é proposto na aula de educação física. Estas práticas fora da escola acontecem, na maioria das citações, nas ruas com os amigos, ou seja, provavelmente este aluno quando está com um grupo que escolheu (os amigos) não veja como um problema não saber jogar, isto não provoca nenhum transtorno, pois os amigos o conhecem e o aceitam como é. Como é o caso de um aluno que não participava da aula porque disse *Eu tenho vergonha e medo de errar*, veja como continua a conversa:

**Você pratica atividade física fora da escola?** Sim.

**O que você faz?** Faço exercício e jogo uma bola de sábado.

**E lá você gosta? Não sente vergonha?**Gosto. Não sinto porque lá são tudo mais chegado.

Quadro 08: Quais atividades são praticadas fora da escola:

<b>Atividades</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>Percentual</b>	<b>Total</b>
Esporte que tem na aula:	Meninos: 05	33,33%	17
	Meninas: 12	17,91%	
Bicicleta	Meninos: 0	0%	04
	Meninas: 04	5,97%	
Caminhada	Meninos: 0	0%	03
	Meninas: 03	4,47%	
Dança	Meninos: 0	0%	03
	Meninas: 03	4,47%	
Musculação	Meninos: 01	6,66%	02
	Meninas: 01	1,49%	
Tênis	Meninos: 0	0%	01
	Meninas: 01	1,49%	
Luta	Meninos: 01	6,66%	01
	Meninas: 0	0%	
Natação	Meninos: 01	6,66%	01
	Meninas: 0	0%	

Conforme já citado, a autora Matta (1996) nos apresenta que os adolescentes buscam estar em grupo de semelhantes, com os quais possam sentir-se aceitos, encontrar cumplicidade e compreensão. Provavelmente fora da escola este aluno encontra o que procura e já nas aulas de educação física ele se sente fora do grupo, pois nas aulas são valorizados aqueles que possuem bom desempenho nas atividades propostas. Como ele não atinge tais expectativas do grupo e não tem oportunidade de aprender os conteúdos necessários para uma boa atuação nos jogos, então tal aluno prefere ficar de fora da atividade.

Também pudemos observar que muitos alunos que apresentam atestados médicos para não participar da aula, praticam atividade física fora da escola, como foi o caso de 4 sujeitos. Todos praticam atividades diferentes das que eram propostas nas aulas, sendo assim, pode ser que os atestados sejam uma forma de não participarem das atividades que não gostam ou não possuem bom desempenho. Um destes casos é de uma aluna que afirma ter escoliose, mas fora da escola faz Ballet. Se o problema de coluna fosse algo tão sério, porque o médico permitiria que ela continuasse em outra prática que exige tanto de sua coluna? Esta aluna disse que quando participa das aulas sua atuação é *Horrível*, o que deixa evidente que o não participar da aula está mais relacionado com qual atividade é proposta e com seu desempenho nessa atividade, do que necessariamente com um problema de saúde.

Há também o caso de uma aluna que disse não participar das aulas porque tem alergia quando fica com suor, mas fora da escola pratica caminhada, o que também provoca suor, e nem por isso à impede de praticar. Isto nos mostra, mais uma vez, que os atestados médicos são muitas vezes utilizados como uma forma para que o aluno não participe das aulas, provavelmente porque a sua atuação nos conteúdos das aulas não é considerada boa; no entanto, em outras atividades tem uma boa atuação e, por isso, não quer que o grupo o veja desempenhando mal algo, ou mesmo porque não quer decair perante os olhos dos colegas de sala, enquanto em outro ambiente não tem este problema, pois faz atividades com pessoas que já o aceitaram da maneira que é ou possuem uma atuação igual a dele.

Com isso, podemos ver que, muitas vezes, os alunos não praticam as atividades da aula porque nestes conteúdos não possuem boa atuação, enquanto o restante do grupo atua bem. Isto não quer dizer que o aluno não goste do conteúdo específico das aulas de educação física (as práticas da cultura corporal), pois como pudemos ver no quadro acima, muito destes alunos, fora do ambiente escolar, participam destas atividades ou de outras que acreditam desempenhar bem.

## **3 Considerações Finais**

Resolver o problema da não participação de muitos adolescentes na educação física não é uma tarefa fácil, pois o que leva o jovem a se desinteressar pela aula envolve diversos fatores, porém todo professor deve considerar que a não participação dos adolescentes é um fato que provavelmente se inicia bem antes da 7ª ou 8ª série, por isso a questão da metodologia deve ser pensada não apenas pelos professores que atuam neste nível de ensino, mas também antes, pois nesta fase os alunos se encontram em momento de saturação quanto aos mesmos conteúdos, que aliado as transformações típicas da adolescência levam ao afastamento das aulas, ou seja, este problema não começa aqui, mas bem antes, quando este aluno inicia sua prática da Educação Física escolar, o que mostra que todo professor, de todos os níveis, devem estar comprometidos com a sua prática docente.

Além disso, pudemos verificar neste trabalho que o sentimento de vergonha pode ser um dos motivos que levam o adolescente a se afastar das aulas, pois muitos não se sentem capazes de realizar as atividades propostas, enquanto consideram que os colegas possuem um bom desempenho, ou seja, para não terem uma imagem negativa perante este grupo preferem não participar das aulas. O que é uma triste realidade, pois as aulas deveriam ser um espaço de aprendizado e não da prática daqueles que já sabem ou são mais aptos.

Por isso, é importante que as atividades apresentem outros modelos e não somente o do esporte de rendimento, o qual é excludente já que procura a vitória por meio da competição entre os melhores excluindo os menos hábeis. O professor deve propor atividades que incluam os menos hábeis e valorize sua atuação, além de proporcionar que a possibilidade de que eles se apropriem do conhecimento e, conseqüentemente, possam ter uma atuação melhor.

A partir disso, a inclusão de todos em uma aula de qualidade é muito importante para a formação do aluno e o primeiro passo para essa inclusão nas aulas de educação física depende, em um primeiro momento, do olhar do professor, que deve perceber este aluno como sujeito, com seus próprios sentimentos, que pode sentir vergonha e não querer jogar para não ter uma atuação ruim e decair perante o grupo e que, também, pode não estar satisfeito com a repetição dos mesmos conteúdos ao longo dos anos. Sendo assim, é grande a necessidade de mais envolvimento dos professores com a disciplina, fazendo planejamento, acompanhando as atividades, realizando realmente um processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, o fato do aluno não participar da aula não quer dizer que ele esteja desinteressado, mas sim pode representar muitas outras questões, pois quando um aluno diz que não participa porque *não é cobrado, o professor não ensina nada* ou mesmo que *o professor dá sempre as mesmas coisas*, nota-se que este adolescente teve uma percepção dos problemas da disciplina, das falhas e desmotivação do professor e até mesmo que não há necessidade de participar, pois não irá aprender nada novo ou nem mesmo será cobrado. Por conta disso, podemos dizer que, quando este aluno não participa está fazendo sua crítica, mostrando seu descontentamento ou sua oposição ao modelo atual que a disciplina vem desempenhando. Isto é um fato muito interessante, pois muitas vezes os professores julgam os alunos que não participam das aulas como sendo desinteressados, mas muitas vezes essa não participação não é um desinteresse do aluno com sua formação e sim uma crítica velada ao modelo atual de aula. Podemos dizer que, em certos casos, esses alunos conseguem ter percepções mais profundas sobre a realidade escolar do que aqueles alunos que ficam horas simplesmente na prática do futebol (ou qualquer outro esporte) sem fazer uma reflexão sobre o que faz ou porque faz.

Pudemos perceber nesta pesquisa que é grande a quantidade de alunos que não participam das atividades por elas se restringem ao esporte, atividade que o aluno não desempenha bem e não está encontrando espaço de aprendizagem. Por isso, é importante que as aulas de Educação Física não se limitem ao modelo esportivo, pois assim esse aluno poderá vivenciar situações de êxito em outros modelos de atividade que o motivarão a participar da aula. Além disso, o conteúdo esporte deve ser abordado de maneira que vá além da recreação ou do treinamento, como foi visto nas escolas visitadas.

Nessas escolas, o modelo de aula de Educação Física é caracterizado pelo momento da recreação, ou seja, os alunos ficam livres e, sendo assim, aqueles que tinham dificuldades não encontravam orientação do professor para superá-las. Outro exemplo é o que aula é caracterizada por um modelo de competição, na qual o que importa é a vitória, por isso os menos aptos ficam excluídos, pois não poderão contribuir para a equipe. Sabemos que o esporte como conteúdo da cultura corporal pode, sim, ser abordado nas aulas, mas em outra perspectiva, a qual leve os alunos a uma real apropriação do conteúdo. Essa apropriação deve ocorrer tanto na questão gestual da atividade, como também sobre seus significados.

É importante ressaltar que esse modelo de esportivização das aulas já está arraigado nos alunos e que eles mesmos se organizavam neste tipo de prática. Por isso, a mudança desse quadro será trabalhosa e levará tempo, além de encontrar resistência dos alunos-

principalmente daqueles que encontram sucesso nesse atual modelo. No entanto, devemos considerar que tal mudança vale à pena, pois esse é um caminho para a valorização da Educação Física na escola, o que deixará claro que ela possui um conteúdo específico a ser tratado e assim os próprios alunos verão nela um significado e uma importância em participar. Isso ainda não é claro para muitos alunos que acabam não vendo na Educação Física nada além da diversão, da descontração e da prática de atividade física, o que não é prioridade da escola, pois tais práticas podem ser realizadas fora dela.

Por fim, não fechamos a discussão sobre a não participação de muitos adolescentes nas aulas de Educação Física, pois isso seria precipitado, visto que ainda há necessidade de mais estudos sobre esse tema. Mas, a partir deste trabalho, esperamos ter contribuído para que os docentes tenham novos olhares sobre os alunos não participantes, esperamos que os professores olhem para estes jovens procurando compreender os conflitos que eles passam e compreendendo que também são responsáveis pelo desinteresse e pela aparente desmotivação dos alunos pela aula.

## **4 Referências**

ALMEIDA, K. D. **O interesse de alunos de 7ª série do Ensino Fundamental pela disciplina de Educação Física.** (Trabalho de Conclusão de Curso) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2000.

ARAÚJO, U. F. de. **Conto de escola: A vergonha como um regulador moral.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

ARAÚJO, U. F. de. Vergonha e humilhação. **Revista Profissão Docente( online)**, Uberaba, vol.1, n.1,(p.01-08) fevereiro. 2001. Acesso em: 15/01/2008.

BECKER, D. **O que é Adolescência?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

BETTI, I. C. R. Esporte na Escola:Mas é só isso, Professor? **Motriz.** vol. 1, n. 1, (p. 25-30), junho. 1995.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Maringá, vol.13, n.2,(p.282-287). 1992.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem Social.** Porto Alegre: Magister, 1992

BRASIL. Lei n. 9394/96 de 20 de Dezembro de 1996, Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial**, Brasília, 23 de dezembro de 1996, pg.27833-41.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/ SEF, 1997.

COMITÊ SOBRE ADOLESCÊNCIA DO GRUPO PARA O ADIANTAMENTO DA PSQUIATRIA(EUA). **Dinâmica do adolescente- aspectos biológicos, culturais e psicológicos.** Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1990.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da Adolescência- Normalidade e Psicopatologia.** Petrópolis: Vozes, 1985.

CARVALHO, A.; PINTO, M, V.. Ser ou não Ser...Quem são os Adolescentes? In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.(org). **Adolescência.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 13<sup>a</sup>. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

CASTELLANI FILHO, L. Pelos Meandros da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Maringá**, vol.14, n. 3 (p.119-124),1993.

DAOLIO, J. Educação Física Escolar: Uma Abordagem Cultural (1989). In: NISTA PICCOLO, V. L. (org). **Educação física escolar: ser...ou não ter?** 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

DAOLIO J. A Construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em “antas”.1989. In: DAOLIO, J. **Cultura, Educação Física e Futebol**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVERES, E.F.M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, vol. 8 , n.1 (p. 107-115), 2003.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**.2<sup>a</sup> Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J, C. **Compreendendo o Desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Phorte, 2003.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LA TAILLE, Y. de. O Sentimento de Vergonha e suas Relações com a Moralidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol. 15(1), (p.13-25) 2002.

LAVOURA, T. N.; MACHADO, A. A. A vergonha e sua relação com a prática esportiva: um estudo de caso. **Motriz**. vol. 13, n.1 (p.64-71), jan/mar. 2007.

MARTINELLI, C. R. et al Educação Física no ensino médio: Motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. . vol. 5 n.2 (p. 13-19) 2006.

MATTA, P. F. R. **Transformação Corporal e Representação Social na Adolescência**. 1996. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1996.

MAUTNER, A. V. Vergonha. *Psicol. USP [online]*. 2003, vol. 14, no. 2, pp. 225-229. ISSN 0103-6564. doi: 10.1590/S0103-65642003000200011. Acesso em: 22/01/2008.

MIRANDA, S. de M. O Adolescente e as mudanças corporais. In: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M.(org). *Adolescência*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

NÉRICI, I. G. *Adolescência O Drama de uma idade*. 3ª ed. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

OLIVEIRA, R. C. *Educação física, escola e cultura: o enredo das diferenças*. 2006. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2006.

SILVA, C. S. C. da. *A construção de estereótipos de gênero e a educação física escolar*. 2003. 32f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2003.

SGARBI, P. O VALOR DA NOTA CONCEITO DE PARTICIPAÇÃO: Currículo e avaliação na brincadeira de ser Deus. Em: [HTTP://www.linguagensdesenhadas.com/imagens/03textos/Sgarbi\\_nota\\_de\\_participacao.pdf](http://www.linguagensdesenhadas.com/imagens/03textos/Sgarbi_nota_de_participacao.pdf). Visualização em 10/10/2008.

SOARES, C. *Educação Física Raízes Européias e Brasil*. 3ª ed Campinas:Autores Associados, 2004.

SOARES, C. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

VIEIRA, M. A. *Problemas de motivação em aulas de Educação Física na 7ª e 8ª séries do 1º Grau*. 1991.48f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 1991.

## ANEXOS

---



---

### ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

**Juliana Fagundes Jacó**  
Graduando em Educação Física – UNICAMP  
E-mail: [juzinhafj@yahoo.com.br](mailto:juzinhafj@yahoo.com.br)

**Comitê de Ética – FCM/UNICAMP**  
Tel: 3521-8936  
E-mail: [cep@fcm.unicamp.br](mailto:cep@fcm.unicamp.br)

Eu, \_\_\_\_\_,